

***Intercensões entre a fotografia e a história oral:
representações de mendigos, loucos e ciganos
na obra de José Modesto
(Jardim do Seridó/RN, 1960 - 1980)***

Rosenilson da Silva Santos¹

Resumo: Entre as décadas de 60 e 80, na cidade de Jardim do Seridó/RN, José Modesto de Azevedo (1932 - 2004), cognominado de Zé Boinho e um dos primeiros fotógrafos daquela localidade, registrou aspectos do cotidiano, da paisagem urbana, sociabilidades religiosas, festividades cívicas e comemorações. Dentre suas fotografias uma “série”, em especial, chama a atenção de qualquer um que as observe, veja ou leia tais imagens, são registros visuais de loucos, mendigos e de um cigano que esporadicamente *visitava* a cidade. Nosso intuito com esse trabalho é, através da história oral e do seu intercruzamento com a fonte imagética, (re)apresentar a cidade em que estes homens foram fotografados, traços de suas vidas e sua representação na imagem fotográfica, usando como recurso de análise a história oral e a leitura da imagem.

Palavras-chave: História Oral – Fotografia – Homens Infames

Abstract: Between the 60s and 80s in the city Jardim do Seridó/RN, José Modesto de Azevedo (1932-2004), nicknamed Zé Boinho and one of the first photographers that locality, recorded aspects of everyday life, urban landscape, religious sociability, civic celebrations and commemorations. Among his photographs a "series", in particular, draws attention to any of the watch, see or read such images are visual records of madmen, beggars and a gypsy who occasionally visited the city. Our intention with this work is through oral history and their intercross with the source imagery, (re)present the city in which these men were photographed, traces of their lives and their representation in the photographic image, using as a resource analysis oral history and the reading of the image.

Key-words: Oral History – Photography – Infamous men

¹ Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e atualmente discente do Programa de Pós-Graduação em História - PPGH na mesma Universidade, sob a orientação do Professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. E-mail: rosenilsonsanatos@yahoo.com.br

É praticamente consenso que a “nova história” ampliou a noção de documento, importantes historiadores já anunciaram que há algum tempo a ciência da musa Clio vive uma “revolução documental” (LE GOFF, 1992, p. 29; DUBY, 1993, p. 10). Neste contexto de expansão dos objetos e temas históricos novos documentos têm sido estudados, mesmo aqueles que por algum tempo foram vistos com desconfiança pelos historiadores, especialmente os de tradição positivista, como os escritos literários e mesmo a fotografia, quase sempre usada para confirmar o que o texto escrito se propunha a dizer.

Para Vovelle essas mudanças asseguram a continuidade de longas séries documentais na ausência da documentação escrita (1992, p. 78). A dita história nova, pode-se dizer, abre novos caminhos, reelabora consideravelmente a noção de fonte e documento histórico. Conforme afirma Jacques Le Goff,

ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada especialmente nos textos, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. (1992, p. 28)

Neste contexto de expansão de fontes, da percepção de novos objetos, novas metodologias seriam pensadas, como a história oral. A história oral é parte inerente aos debates sobre as tendências da história contemporânea, é fruto dos anos pós-segunda Guerra Mundial, do amadurecimento acadêmico e tecnológico, pode-se dizer que a razão de sua existência e a presença do passado no presente imediato dos sujeitos sociais. No Brasil, por falta de instituições que pudessem desenvolvê-la ou pelos poucos, ou ausência de, vínculos entre a universidade e os localismos ou cultura popular, demorou a se desenvolver.

É provável que por esses motivos que os primeiros depoimentos colhidos, por iniciativa do CPDOC/FGV RJ, tenham sido da elite política nacional e somente em meados dos anos 1970 (CAMARGO, 1989; MEIHY, 1998, p. 32-33) e apenas no ano de 1994 nasceria a ABHO, ratificando a presença e aceitabilidade no mundo acadêmico brasileiro da história oral.

A história oral lida com relatos orais, com versões dos entrevistados/depoentes sobre determinado tema, essas versões são elas mesmas o objeto de análise. É por esta maneira que se estabelece uma ligação entre indivíduo, oralidade, memória e a construção da história.

No caso específico deste trabalho, que teve como pergunta chave: como os *homens infames* foram representados nas imagens produzidas por José Modesto, não era, *a priori*, a história oral a metodologia a ser usada. As fontes englobavam um conjunto de fotografias registradas entre a década de 1960 e 1980 por José Modesto de Azevedo em Jardim do Seridó. Diante de algumas dificuldades optamos por recorrer à história oral para acessar respostas que apenas a leitura da imagem não nos possibilitou.

O contato com essas imagens nos trouxe algumas questões necessárias até mesmo a um exercício de leitura das próprias fotografias, dúvidas que diziam respeito a biografia do fotógrafo, de suas preferências na arte da fotografias, do lugar onde atuava, de sua relação com os clientes e sujeitos fotografados. Essas questões não poderiam ser respondidas apenas pela leitura da imagem, de modo que recorremos a entrevistas com a esposa, um filho e um amigo do fotógrafo. As informações que estes três depoentes nos concederam surgem neste texto em relação com aquilo que extraímos da leitura da imagem, em um exercício de aproximação da fonte oral e a da fonte imagética, sem com isso esquecer as suas singularidades, casando-as, na tentativa de responder às problemática da pesquisa.

José Modesto de Azevedo nasceu no dia 30 de maio de 1932, na cidade de Jardim do Seridó/RN. Começou a fotografar em 1952, incentivado por Heráclio Pires, com quem também aprendeu as artes da revelação. Fez inúmeras coberturas fotográficas em eventos sociais nas cidades de Jardim do Seridó/RN, Ouro Branco/RN, Santana do Seridó/RN e São José do Seridó/RN. José Modesto era chamado de Zé Boinho, tal apelido justifica-se em virtude de seu pai ter exercido a profissão de marchante e ter o acréscimo de Boinho em seu nome. Os acervos dão conta de uma vasta produção iconográfica que vai desde cenas de cerimoniais religiosos até figuras emblemáticas da cidade como ciganos, mendigos e “loucos”. Este poeta das luzes faleceu no dia 16 de agosto de 2004, de embolia pulmonar. Seu acervo em termos de máquinas e material de laboratório encontra-se com sua família, bem como imagens e negativos 6x6 mm, que hoje também compõem parte do acervo de imagens do projeto de Pesquisa “Fotografia e Complexidade”².

José registrou o cenário urbano e rural de Jardim do Seridó, os grandes nomes da política regional e nacional que ali passaram ou viveram. Deu ênfase a beleza universal de

² Projeto “Fotografia e Complexidade: itinerários norte-rio-grandenses”. Coordenado pela Professora Dra. Eugênia Maria Dantas – DHG-UFRN, que entre os anos 2004 e 2008 reuniu em um rico acervo as fotografias dos primeiros fotógrafos da região Seridó do Estado do Rio Grande do Norte.

Maria Edith Azevedo, Miss Rio Grande do Norte em 1966, quando esta foi recepcionada na cidade onde nascera como “a mais linda flor” que *Jardim* já viu.

Fotografia 01

“Maria Edith Azevêdo – Miss Rio Grande do Norte 1966 e sua recepção em Jardim do Seridó, após a participação no Concurso”.



FONTE: Acervo do Projeto “Fotografia e Complexidade: itinerários norte-rio-grandenses”.

FOTOGRAFIA: José Modesto de Azevedo.

Mas foi distante de seu estúdio, dos cenários que ali compunha o cenário de sua profissão, onde seus clientes pousavam, foi afastando-se “dos jarros, do banquinho, do berço, da parede rosada e das cortinas beges”³ que José Modesto registrou outra Jardim do Seridó. Em meio às imagens da cidade algumas pulam aos olhos de quem ver e/ou ler, seja pela estranheza que causam, por sua estética diferenciada ou pelas condições em que os sujeitos registrados estão, em trajes diferentes daqueles usados pelas pessoas fotografadas em seu estúdio, pelas poses espontâneas, pelas faces pouco, na verdade nada, maquiadas. São imagens diferentes em relação às outras imagens, aquelas em que as famílias, os padres, as crianças estão sendo batizadas e os recém casados são retratados.

São imagens de *homens infames* (FOUCAULT, 1994), dos sujeitos marginais, de loucos, mendigos e de um cigano das quais nos ocupamos a partir deste momento. Nosso passeio se dará por caminhos tortuosos, por cartografias das margens, pelos espaços semelhantes aqueles que Michel Foucault chamou de *heterotópicos* (2005. p 02), onde figuram os fora da ordem, os sujeitos subversivos ou que ocupam o espaço em seus limites

³ Esta era, segundo o seu filho, José Jean de Azevedo, a decoração do estúdio de José Modesto, que se localizava na Rua Presidente Vargas, no centro de Jardim do Seridó/RN.

para entender o papel destes atores em seu contexto e o modo como foram representados e a cidade em que viveram.

José Modesto tinha uma predileção pelo espaço da rua, este espaço parece seduzi-lo, elas, as ruas, estão em algumas imagens, vazias, limpas, enxutas. Em sua perspectiva ele aboliu o som dos animais, os transeuntes e automóveis

Fotografia 02
“A rua – Jardim do Seridó”



FONTE: Acervo do Projeto “Fotografia e Complexidade: itinerários norte-rio-grandenses”.
FOTOGRAFIA: José Modesto de Azevedo.

Os loucos, mendigos e o cigano de quem falamos são parte do *som* que não está na imagem acima, que embora ausente aqui, *gritam* em outras imagens. Estes personagens estão ligados a rua de um modo peculiar, mantêm com essa cartografia uma relação peculiar com este lugar, pelo fato de usarem como caminho, residência, lugar de sobrevivência, de atrações encenadas e de *peças* que, para alguns faz parte do mundo das fantasias, mas são interpretadas com tanta intensidade que não se sabe se é a vida imitando a loucura ou a loucura imitando a vida.

A casa e a rua se complementam, dialogam, em uma dinâmica que é visitada todos os dias pelos sujeitos sociais (DA MATTA, 1984, p. 23). Segundo Da Matta, há uma divisão entre estes dois espaços sociais, há uma formação de um universo que é da casa e outro que é o da rua, aí, no ínterim destas duas dimensões se dividem trabalho, movimento, surpresa, tentação. A relação de uma pessoa que usa a rua como moradia em referência a

uma casa, é diferente da representação da rua que tem um sujeito que use a casa como moradia. Na casa se é um elemento de um grupo fechado, de uma família que delimita fronteiras e limites definidos, ligados pela idéia de um destino comum, projetando a defesa moral, física e patrimonial de seus membros, é a casa além de um lugar físico um lugar moral, “uma rede fascinante de símbolos (...) onde a harmonia deve reinar sobre a confusão, a competição e a desordem” (idem, p. 27).

No meio termo entre a tranquilidade da casa e o movimento da rua, alguns se colocam, os filhos desordeiros, a filha fugida, os bêbados e outros tantos. São os mesmos que não deixam de existir nas casas, e só vivem nas ruas por que também vivem nas casas, embora na rua sejam mais autorizados.

Fotografia 03 - “Dona Bandinha”



FONTE: Acervo do Projeto “Fotografia e Complexidade: itinerários norte-rio-grandenses”.
FOTOGRAFIA: José Modesto de Azevedo.

“Dona Bandinha” foi um dos sujeitos registrados pelo fotógrafo a que nos remetemos, e foi também uma vivente deste espaço do meio, deste meio termo entre a casa e a rua. Maria Umbelina das Mercez era filha do segundo casamento de seu pai e recebeu seu apelido, Bandinha, pelo fato de ser considerada, em casa, meia irmã por aqueles que se sentiam filhos por inteiro. Assim como foi batizada pelos seus meio irmãos, seria pela cidade de Jardim do Seridó conhecida e mesmo após casada continuou assim a ser chamada. Maria Umbelina ficou viúva e se entregou a embriaguez. E assim, e um momento em que fugia da vida em que seu esposo não mais se encontrava José Modesto a registrou, sem sorrisos e sem lágrimas, esvaindo-se de um sentir doloroso e se entregando a um estado de não-sentir. A imagem revela, além de um copo na mão de Umbelina, um corpo sem sexo. Ao ler esta imagem nos perguntamos se o sujeito que aí está *congelado* é homem ou mulher e se não fosse o vestido em que algumas flores se resumem não saberíamos a resposta.

Segundo um dos entrevistados, Bandinha era constantemente seguida por seus filhos, que procuravam evitar seus atos indecentes, sua nudez pelas ruas e o hábito de embriagar-se.

Sujeitos como Bandinha produzem uma desorganização nos modelos de uma sociedade que se propõe ordeira e onde a figura feminina tem modelos a seguir. Por este motivo os espaços heterotópicos são vivos, são o recanto para a crise e o desvio. Para Ferraz (2000, p. 01), estas figuras que ocupam as partes públicas da cidade, especialmente os loucos, guardam em torno de si uma atmosfera de mistério, despertam interesse, medo, curiosidade e pena. São fascinantes por que transportam consigo um saber que é “difícil, fechado e exotérico”. Estes homens e mulheres conduzem em si um potencial de espelho, e por vezes, fazem esquecer do transtornam mental que também carregam e são tratados como símbolos folclóricos de um determinado lugar.

O “louco de rua”, para sê-lo, é preciso ter escapado a psiquiatria, não ter tido contato com ela, é necessário ter fugido ao seu poder e saber. Estes personagens são marcantes em todas as cidades, especialmente nas de pequeno e médio porte, onde as pessoas conhecem uma as outras, seja pelo contato, seja pelo que se diz sobre seus pais e familiares. São figuras provocadas e provocadoras, admiradas e expurgadas, amadas e odiadas, segunda Eugênia Dantas (1996, p. 89), são atores de uma teatralidade da rua, onde todas as representações são possíveis.

Fotografia 04

“Ciriaca” e “Coronelzinho”, ambos, acompanhados do Paulo Gonçalves de Medeiros.



Fotografia 05



FONTE: Acervo do Projeto “Fotografia e Complexidade: itinerários norte-rio-grandenses”.
FOTOGRAFIA: José Modesto de Azevedo.

Ciriaca, Maria Gomes do Céu Gomes de Melo, na imagem ao lado do Senhor Paulo Gonçalves de Medeiros, foi um dos personagens do “teatro a céu aberto” de Jardim do Seridó” entre 1932 e 1991. Segundo Sebastião Arnóbio de Moraes⁴, muito querida era pelos jardinenses, “meio abestalhada e não propriamente louca”, pedia esmolas e chamava a todos de “meu amor”. Ciriaca tinha lindos olhos azuis, despertava medo em algumas crianças e de quando em vez chorava como uma delas. Tinha como diria Dantas (1996, p. 10) uma vida de artista, vivia em uma eterna apresentação pública, sempre com um saco a pedir esmolas aos “amores de sua vida”. Quando ainda em idade escolar, não aprendeu nada. Segundo o historiador José Nilton de Azevedo (1998), ironicamente, a mesma escola que não a compreendeu, lhe vitimou nos idos de 1991, quando o ônibus escolar a atropelou, nas proximidades de um lixão, onde lá Ciriaca procurava pela vida e acabou por encontrar a morte. Neste dia:

A cidade entristeceu
O povo todo abalado
Com o que aconteceu
Muita gente lamentando
Aquela hora esperando
Para ir ao enterro seu⁵

Segundo Dantas, a morte destas *personas*(idem, p. 89), são sempre marcantes, seja pela forma, impacto ou comoção que causam, descreve então a ocasião da morte de um ícone caicoense chamado Ferrolho:

(...) Ferrolho só soube viver como artista, fazendo de sua vida uma eterna apresentação pública. De sua origem pouco se sabia, porém era conhecido em todo o Seridó pela capacidade de executar, no seu realejo, as mais difíceis melodias (...) a forma como morreu representou um pouco do que foi em vida. ‘Manhã de abril, Ferrolho acorda e sai em busca de soluções para seus problemas, roupa suja, é preciso lavá-la para que à noite possa se apresentar asseado para seus admiradores; um grande inverno fez com que as águas do Rio Barra Nova se apresentassem como um recanto ideal para seu ato. O homem simples inicia sua última tarefa, despiu-se, colocou seu instrumento musical à margem do rio e iniciou seu trabalho. De repente seu corpo começa a boiar, dançando não no ritmo do realejo, mas nas ondas furiosas do rio’(apud FERREIRA FILHO, 1993, p. 97).

⁴ Entrevista concedida por Sebastião Arnóbio de Moraes em 03 de novembro de 2007, em Jardim do Seridó/RN. (06 de fevereiro de 1948)

⁵ Fragmento de um poema feito em homenagem à Ciriaca, de autoria de Manoel de Rita, transcrito na obra “Vultos Populares de Jardim do Seridó – José Nilton de Azevedo.

Emídio Mucica foi um destes artistas da rua, assim como o Ferrolho de Caicó/RN, viveu uma teatralidade quase sem fronteiras, expressas nos números de mágica que fazia para as crianças, pela musicalidade que extraia da folha de ficus⁶ segurando-a à boca. Emídio encantava alguns, e a outros não, inclusive aqueles que o incomodavam ao arrastar objetos metálicos pelas calçadas, segundo Sebastião Arnóbio, algumas pessoas da cidade pegavam uma tampa de garrafa e friccionava contra paredes ou calçada e o som produzido fazia Emídio fugir, de tanto que o desagradava, justo a ele que era um maestro da natureza, que com as folhas verdes que o inverno trazia, traduzia sons e músicas. Segundo o mesmo depoente, não sabe-se o fim que tomou Emídio, como foi sua morte e nem onde foi. Ele costumava desaparecer, para onde ninguém sabia, quando era incomodado pelo som das tampinhas de garrafa, talvez tenha sido assim, ao invés de aplausos veio o som do metal no concreto e espantou a melodia que vinha de uma folha, uma boca e o vento, talvez assim tenha ido para não voltar o artista de Jardim.

Ferrolho e Emídio foram andarilhos livres, desfrutaram de um tempo em que a loucura tinha direito⁷ à cidade, embora tenham que enfrentar os desígnios de quem vivem em um espaço tão plural que se apresenta ora, em aplausos, risos e admiração; ora, em abnegação, conjuração e apedrejamentos: a rua.

⁶ Elemento do reino vegetal. Figueira: árvore do gênero *Ficus*, família *Moraceae*. Também são conhecidas como ficus, gameleira ou gomeleira. Há mais de 1000 espécies de figueiras no mundo, especialmente em climas tropicais e subtropicais (o gênero *Ficus* é um dos maiores do Reino Vegetal).

⁷ Ressalva seja feita: no período de nosso recorte temporal ainda existia *resquícios* do discurso médico-higienista, que legava *os homens marginais* para as bordas da cidade, para os hospícios e casas de recuperação.

Sublinha Ferraz (2000, p. 6), no entanto, que o apelido, o gesto, o ritual sádico representa também a forma que o mundo, a comunidade, encontra de entrar em contato com este estranho que lhe apresenta uma realidade confusa, o que pode desencadear a fúria do agredido, mas também um comportamento complacente, caso de Manuel Perequeté,

um mendigo “respeitador, calmo e de bom coração. Na rua era frequentemente molestado pelos meninos que diziam: ‘Mané Perequeté, camisa de mulher’, ou então: ‘Mané Perequeté, tire o bicho do pé’, ao que calmamente ele replicava: ‘oh meninos emperquitados!’” (AZEVEDO, 1998, p. 51 - 2).

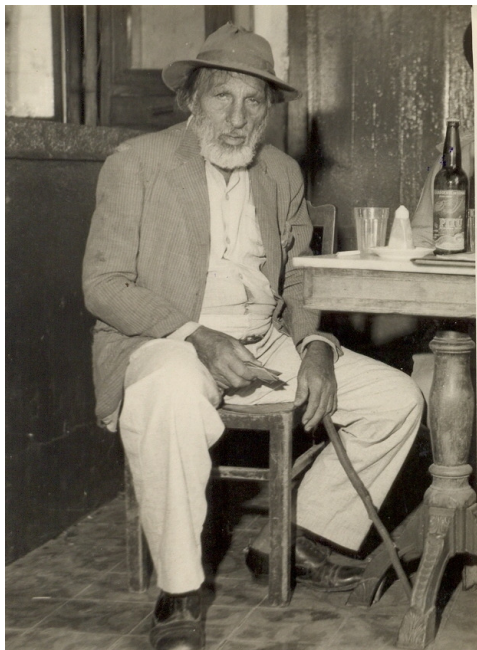
Outros foram os sujeitos infames enquadrados, registrado e reproduzidos por José Modesto, figuras como “Maria de Birimbeu” e “Luisinha”, “Conrradinha e Biró Doido”, a primeira, segundo o depoente Sebastião Arnóbio:

andava descalça, maltrapilha e com as sobrancelhas raspadas. Vez por outra fugia para a cidade. Resmungava palavras ininteligíveis. No chão, catava baganas para fumar. Comia migalhas ou tudo que encontrava. Colocava sapo na boca e dizia repetidamente: “cululu é bom!

Essas vidas errantes são envolvidas por um mistério, compõem histórias singulares que se aproximam por algum motivo, seja pelo registro que delas foi feito, seja pelas condições em que se encontrava. Não se sabe ao certo a intensidade dos acontecimentos que as rodeiam, suas histórias e “poemas vidas” (FOUCAULT, 1994, p. 93), misturam beleza e assombro, tragédia e comédia. Conrradinha é exemplo disso, não sabia de onde vinha, onde nascera e nem para onde ia, também o cigano que por vezes aparecia pela cidade, sem que ninguém soubesse nada de sua vida, foi por mais de uma vez congelado por José Modesto.

Fotografia 06

“O ‘Cigano em’ dois diferentes momentos de suas passagens por Jardim do Seridó”.



FONTE: Acervo do Projeto “Fotografia e Complexidade: itinerários norte-rio-grandenses”.
FOTOGRAFIA: José Modesto de Azevedo.

Segundo os depoimentos, tanto o cigano como Conrradinha eram muito queridos por todos. A relação dela com os habitantes da cidade era de muita harmonia, pois tratava bem a todos, mesmo sendo reconhecida como louca, o que pode ser confirmado por seu Sebastião:

Conrradinha, na época era Conrrada, o diminutivo chegou depois, quando eu nasci ela já estava aqui, ninguém sabe de onde veio, o que ela dizia era que vinha do Poço Frio, lugar que nunca ninguém consegui identificar. Ela tinha boa relação com as pessoas, entrava nas casas, pedia esmolas e não fazia mal a ninguém. Mamãe conta que ela, quando chegou, se alojou no lado da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, fez uma trempe na calçada da igreja onde cozinhava e agrupou muitos troços. Quando o padre Eimar chegou, achou tudo muito feio, aqueles objetos na calçada da igreja e ela mesma, que sempre entrava para rezar quando a igreja era aberta. Então organizou o muro do depósito da paróquia, onde abriu uma porta e lhe deu a chave. Eu mesmo, quando era menino pequeno me lembro de Conrrada chegando na casa do Seu José da Costa, toda a tarde ela ia nesta casa, ela gostava muito de queijo, eu estava comendo um pedaço e ela me pediu, fique morrendo de medo, corri para dentro de casa.

Conrradinha foi acarinhada em vida e também no dia de sua morte, quando Jardim do Seridó conheceu o maior enterro que a cidade já comportara. Atualmente o túmulo onde foi enterrada recebe visitas no dia de finados.

Em visita ao seu túmulo na cidade de Jardim do Seridó, localizado no Cemitério Velho, no dia 02 de novembro de 2007, quando entrevistamos a senhora Ermínia Lucena que, estava a fazer orações em tal lugar, pudemos perceber o fluxo de pessoas, a deixarem rosas, velas, ex-votos e dedicar-se e meditação frente ao túmulo de Conrrada.

Trata-se de um exemplo particular, pois Conrrada, além de permanecer na memória coletiva como um ícone da graça, agressividade, bondade ou esperteza, como aconteceu com os outros personagens por nós tratados, tomou um outro significado, foi “sacralizada” pelas pessoas da cidade que lhes foram contemporâneas.

Em meio a este mar de diferenças entre as histórias contadas, a imagens gravadas e as impressões descritas sobre os *homens infames* de Jardim do Seridó/RN, entre 1950 e 1980, fotografados por José Modesto de Azevêdo, é possível identificar em suas imagens alguns pontos de aproximação.

Nas falas de nossos depoentes, é muito presente o discurso de que mesmo loucos mendicantes e o cigano, retratados pelo nosso fotógrafo, foram muito bem quistos pelas pessoas da cidade. No entanto não podemos desconsiderar o que as imagens revelam. Os sujeitos dos quais tratamos foram geralmente representados à rua, vestidos por poucos tecidos, com seus corpos a amostra. Quase sempre são retratados descalços e sujos, descabelados, com expressões que tocam a surpresa, satisfação e um entendimento peculiar aos acontecimentos.

Se na leitura da imagem, os detalhes simbólicos como postura, gestos, acessórios e objetos devem servir de guias para a interpretação das informações, não se pode acreditar com tanta ênfase que realmente eram pessoas tão amadas, salvo exceções, como era o caso de Conrradinha e de Biró Doido, este último era frequentemente banhado por um senhor que se sensibilizava com o estado de sujidade de Biró. Era comum encontrar uma pessoa na rua, em um bar e nas proximidades, portanto uma “tampa de garrafa”.

Todavia, não podemos mergulhar apenas nas impressões que a imagem pode possibilitar, “a fotografia além de registrar a realidade social, também registra performances”.

Como afirmou Foucault, a vida dos infames, é “poesia e sombra, novelas confusas de riso e dor”, entregues aos delírios da embriagues alcoólica. José Modesto cartografou e registrou as bordas da sociedade em que vivia, não em um movimento de fuga e distanciamento, mas de avizinhamento, capturou no centro de sua arte o que a cidade espargi para suas zonas periféricas, mas que resiste em permanecer ali onde não podem ser

visto e voltam para a rua, para a calçada do centro da cidade. É a diferença se anunciando, dizendo que precisa ser vista, que se a normalidade não for contaminada com a diferença, ela se corrompe e desaba, rui em si mesma, é a alteridade se afirmando necessária ao ser humano.

Com esta interpretação das imagens fotográficas forjadas por José Modesto não alcançamos o cerne de sua obra e nem de suas intenções, mesmo por que este não foi nosso objetivo, e se fosse, mesmo assim não o teríamos conseguido. Construimos uma versão para as personas e para as suas histórias, inspirados em nossos teóricos, conceitos, pensamentos, experiências e imaginação. Neste sentido, deixamos as nossas afirmações em aberto, para críticas e continuidades, como possibilidade de manter em combustão o passado dos *homens infames*.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, José Nilton. **Vultos populares de Jardim do Seridó**. 1998.

CAMARGO, Aspásia. "Quinze anos de história oral: documentação e metodologia". In: ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989. p. VII-X.

DA MATTA, Roberto. "A casa, a rua e o trabalho". In: _____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p.21 – 33.

DANTAS, Eugênia Maria. **Retalhos da Cidade: revisitando Caicó**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN. 1996.

DUBY, Georges. "Prefácio à história da vida privada". In: DUBY, Georges, ARIÈS, Philippe (orgs.). **História da vida privada**. Volume organizado por Paul Veyne. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 8-11. (História da vida privada; 1).

FERRAZ, Flávio Carvalho. "O louco de rua visto através da literatura". In: **Revista Psicol.** v. 11, n. 2. São Paulo. 2000.

FOUCAULT, Michel. "Outros Espaços". In: **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2001. Ditos e Escritos III. p. 411 – 412.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Tradução Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa. Passagens. 4ª Edição. 1994.

LE GOFF, Jacques. "A nova história". In: _____. **A nova história**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-64.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1998.

VOVELLE, Michel. "A história e a longa duração". In: LE GOFF, Jacques (org.). **A nova história**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 65-89.

FONTES ORAIS

Entrevista concedida pela Sra. Anadir de Azevedo, na cidade de Jardim do Seridó/RN em 21 de abril de 2005 – Esposa de José Modesto de Azevedo. Banco de dados do Projeto 'Fotografia e Complexidade'.

Entrevista concedida pelo Sr. José Jean de Azevedo, na cidade de Jardim do Seridó/RN em 21 de abril de 2005 – Filho de José Modesto de Azevedo. Banco de dados do Projeto 'Fotografia e Complexidade'.

Entrevista concedida por Sebastião Arnóbio de Moraes em 03 de novembro de 2007, em Jardim do Seridó/RN. (06 de fevereiro de 1948).

Entrevista concedida por Ermínia Lucena, em 02 de novembro de 2007, em Jardim do Seridó/RN.